

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	28.º Anno — XXVIII Volume — N.º 942	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Imp. de Ferreira & Oliveira, Lt.ª — Rua d'Alegria, 100
Portugal (franco de porte), m. forte...	3\$800	1\$900	5950	\$120	28 DE FEVEREIRO DE 1905	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.—Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		

REAL THEATRO DE S. CARLOS



M.elle MARIA BOYER

Chronica Occidental

Doente desde que escrevi a minha ultima chronica, afastado de conversações e até, alguns dias, da leitura de jornaes, não deixaram de chegar ao meu conhecimento alguns dos acontecimentos principaes da semana com sua alegria ou tristeza.

A morte do general Eduardo Castelbranco, director do Museu de Artilharia, decerto commoveu profundamente os artistas portuguezes a quem dá especial e até excepcional consideração encarregando-os de concluir a ornamentação do museu, em cuja obra de talha e pinturas decorativas já possuia Lisboa um dos seus mais bellos edificios. O illustre militar deu assim um exemplo muito digno de ser imitado por aquelles que, por seu valor assumiram uma alta posição.

Falleceu tambem n'estes dias o diplomata portuguez com bons serviços na sua carreira, o conde de Thomar, filho do primeiro que usou este titulo e foi ministro da Rainha D. Maria II.

Não ha chronica, infelizmente, que não tenha de levar algum d'estes travessões de luto. Ainda dentro d'elle, nos havemos de referir á morte de Sir Martin Gosselin, ministro de Inglaterra n'esta corte, onde era estimadissimo.

Tendo ha dias partido para Lagos acompanhára a Vigo a esquadra ingleza e d'ahi seguira para o Porto e depois para o Bussaco, onde inesperadamente falleceu. Estivera em Lisboa ha muitos an-

nos como 2.º secretario e Portugal tinha n'elle um devotado amigo. A's horas a que escrevo o cadaver do ex-ministro está depositado na igreja do Corpo Santo.

Descança de uma vida de trabalho, que nem tudo são rosas na diplomacia, n'este principio de seculo, mais importante do que nunca.

Os soberanos da Europa continuam em suas viagens Breve, para fins de março, segundo informações do *Correio da Noite*, receberá Lisboa a visita do imperador d'Allemanha, depois de realisada a sua viagem pelo Mediterraneo.

E' noticia boa provando as boas relações que existem entre os dois paizes. Assim não trouxesse complicações um certo character que está assumindo a questão dos tabacos, a qual continua pondo o sr. José Luciano como alvo dos mais violentos ataques.

Ha quem espere uma solução em que o emprestimo seja tomado em parte pela Companhia dos Tabacos e n'outra pela casa Hambro. O essencial é que o nome portuguez, tão malevola e frequentemente atacado saia sem uma nodoa de toda esta embrulhada.

Não nos faltam inimigos lá por fóra. Segundo constou, mãos criminosas mandaram picar a inscripção que, sobre a cataracta do Iellala fóra gravada por ordem de Diogo Cão e seus companheiros e continha os seus nomes gloriosos.

A cataracta situada a umas noventa milhas da foz do Zaire, pertence hoje aos terrenos do Estado livre do Congo.

Patrioticamente o nosso collega *Mala da Eu-*

ropa dedica ao assumpto o artigo de fundo do seu ultimo numero.

Custa a acreditar em tão repugnante crime historico. Ainda esperamos vêr alguma vez desmentida a noticia.

O *Letreiro dos Portuguezes*, como lhe chamavam, era um documento do muito que Portugal obrou em prodigios a favor da humanidade. Não são picaretas de selvagens inferiores aos nativos d'África que pôdem assim dar cabo, na memoria grata dos homens, d'aquelles que tão heroicamente pelo bem de todos soffreram e arriscaram as vidas.

Não se contentam alguns com querer demolir-nos no presente; tentam estupidamente, rasgar as paginas do nosso passado. Não será coisa facil. Na Asia ainda glorias guerreiras não houve eguaes ás nossas.

A poderosa Russia lá continua soffrendo constantes revezes. D'ahi tambem só uma boa noticia nos chegou estes ultimos dias; a final libertação de Maximo Gorki, que, segundo diz o telegramma, partiu immediatamente para o estrangeiro.

Ainda não foi a boa nova confirmada. Queira Deus seja certo este bocadinho de luz em meio de tão denso negrume.

E eis de novo a lembrar-nos da revolução na Russia quando é certo que, n'esta semana em que estamos, a maior parte da gente no que mais pensa é nas festas carnavalescas que se approximam.

Em Lisboa e no Porto o carnaval, mais uma vez, será civilisado. Uma commissão no Porto e duas em Lisboa, encarregaram-se de promover as batalhas de flores e concursos de mascaras.

Os estudantes do Lyceu fizeram ha dias, no Salão da Trindade, uma parodia aos jogos floreaes realisados ha tempos na Escola Polytechnica. Más interpretações e talvez vaidadesinhas offendidas, fizeram com que, no final, em meio das palmas, fossem distribuidos alguns biscoitos sem importancia.

Deram agora os estudantes que fallar mais se-



MASSENET

A PINTURA

Escultura de Moreira Rato

riamente. A opinião publica mostrou-se a favor dos estudantes riscados das aulas da Escola Medica de Lisboa, quando, depois da greve que fizeram ás aulas os quartanistas por lhes não ser facultada, como desejavam, a entrada nas enfermarias, não quizeram justificar duas faltas pela forma por que lhes era exigido. A solidariedade academica manifestou-se mais uma vez sympathicamente e é de esperar que o caso tenha a solução que mais seja agradável aos estudantes e suas familias.

O carnaval precisa d'elles para a alegria.

O tempo continua bom, o que será o maior auxilio para a animação das ruas. O commercio deve estar contente. Assim o estivessem os agricultores.

Teremos provavelmente uma primavera chuvosa. O abril das aguas mil fará das suas. Não de todos então anear pela chegada do mez de junho, sobretudo os jogadores que, segundo se afirma, poderão, já com jogo regulamentado, em Cascaes e no Estoril e n'outras praias, apanhar á vontade dois calores, o do verão e o da má sorte.

João da Camara.

REAL THEATRO DE S. CARLOS

A «Griselda» e «Werther», de Massenet

M.elle MARIA BOYER

Acha-se em Lisboa esta insigne cantora da *Opera Comique de Paris*, que o nosso publico já teve ensejo de applaudir nas duas preciosas composições de Massenet: *Griselda* e *Werther*.

Só temos que louvar a empresa de S. Carlos pela escolha de tal artista para o desempenho das operas de um dos mais notaveis compositores francezes Jules Massenet; e a proposito diremos que o empresario lyrico, em vez de nos enfiar noites successivas com *Lombardos*, *Vesperas*, *Machebt*, *Juramento* e outras composições, que para os nossos dias são antiquadas, deveria dar preferencia a obras notaveis senão geniaes, como o são, as de Massenet, Saint-Saens, Rever, Erlanger e outros de reconhecido merito.

Não se podia alcançar maior triumpho do que aquelle que M.elle Maria Boyer acolheu do nosso publico, mostrando os seus grandes recursos artisticos, não só na arte de representar, como igualmente na do canto, artes que, hoje, na scena lyrica, se acham intimamente alliadas. O seu desempenho no *Werther* e, sobretudo na protagonista da *Griselda*, basta para avaliar o grande talento da actriz franceza.

M.elle Maria Boyer ainda desempenhará entre nós, a obra prima de Massenet, *Manon*, verdadeiro *chef d'œuvre*, que a empresa de S. Carlos tem deixado ultimamente esquecer, não sabemos porque? Obras tão conformes ao sentir moderno, qual a *Manon*, deveriam figurar todos os annos, no repertorio do nosso theatro lyrico.

Graças á nossa *interview* com a illustre cantora, podemos dar aos nossos leitores algumas notas interessantes da sua vida artistica.

M.elle Maria Boyer nasceu em Bordeus e completou os seus estudos musicaes em Paris, onde foi seu mestre o grande professor francez Taqueti.

Foi Paris o berço dos seus primeiros triumphos, na *Opera Comique*, na *Opera Populaire* e na *Gaité*. Cantou nas principaes scenas lyricas da França: Marselha, Lyon e Bordeus. No esplendido theatro de Monte Carlo, em Alger, na Italia, Sicilia, Tunisia e Belgica.

Em toda a parte foi recebida pelo publico com entusiasticos e espontaneos applausos, sem nunca ter soffrido na sua gloriosa carreira a menor sombra de desillusão artistica, o que a tem animado a proseguir.

Com o methodo de canto que M.elle Maria Boyer possui e os seus grandes recursos artisticos, não admira, que ella nunca soffresse desillusão alguma na sua vida de cantora, e estamos certos que ha-de sempre encontrar innumerados admiradores, que lhe compensem com fartos applausos, o trabalho e creações do seu talento artistico.

Em o volume 24.º do OCCIDENTE (1901) n.º 803 pag. 85, reproduzimos o projecto do tumulo do visconde de Valmôr, projecto do sr. Alvaro Machado, que obteve a primeira classificação no concurso aberto pelo *Gremio Artistico*, que tomou a iniciativa, em nome dos artistas portuguezes, para a construcção de um mausoleu no cemiterio oriental onde se guardassem os restos mortaes do illustre fidalgo, grande protector das artes e artistas portuguezes.

Na parte decorativa d'aquelle mausoleu figuram quatro estatuas representando a *Escultura*, a *Architectura*, a *Pintura* e a *Gravura*, das quaes se encarregaram gratuitamente os esculptores Costa Motta, Fernandes de Sá, Moteira Rato e Thomaz Costa.

Concluiu o sr. Moreira Rato a estatua da *Pintura* de que damos a reproducção.

É uma bella estatua da grande escultura classica, mais uma boa obra do distincto esculptor de quem é tambem o grupo allegorico decorativo da tribuna diplomatica da nova sala da camara dos srs. deputados, e de tantos outros trabalhos de alto merecimento como a estatua da *Historia* que se vê na sala das sessões da camara municipal de Lisboa, *A Infancia de Vasco da Gama*, pertencente á sr.ª duquesa de Palmella, etc.

O PALACIO E A QUINTA DA INSUA

Pelo Ex.º Sr. Manuel d'Albuquerque que, representa uma das mais antigas e nobres familias de Portugal, foi encarregado o conhecido e notavel architecto sr. Bigaglia, de restaurar o antigo solar da Insua, em Castendo, districto de Vizeu, propriedade d'aquelle seuhor.

Tão antigo como os seus nobres donatarios, este solar, se bem que carecesse de melhoramentos, afim de poder ter certas commodidades internas, indispensaveis ao viver moderno, carecia de conservar o mesmo estylo architectonico, afim de que não ficasse mutilado um dos raros exemplares de architectura italiana, que ainda existem no paiz, nem lhe fosse tirada a pittoresca feição de antiguidade.

Ninguem, portanto, mais competente que o sr. Nicola Bigaglia, cujo nome é sobejamente conhecido no nosso meio artistico, para levar a cabo uma tarefa de tal importancia.

As obras foram pois, realisadas sem que em cousa alguma se alterasse a sua parte exterior, sendo só a propriedade augmentada com diferentes annexos, porém, no mesmo estylo primitivo.

As nossas gravuras mostram a grandeza como ficaram executadas as duas salas mais importantes, a casa da guarda da matta, as fontes do paeo e do terraço, as duas entradas da magnifica quinta: a do Sangenil e uma outra em estylo manuelino, trabalhos completamente novos, mas a que não falta a unidade do conjuncto, não destoando do estylo a que obedece a construcção do solar no mais insignificante pormenor.

O Ex.º Sr. Manuel d'Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, é, segundo vemos no vol. v do *Portugal Antigo e Moderno* de Pinho Leal, filho do sr. João d'Albuquerque de Mello Pereira e Caceres e da sr.ª D. Camilla Ribeiro de Faria, tendo sido portanto o pae do actual proprietario da quinta da Insua, fallecido a 25 de setembro de 1860, 12.º Senhor do Morgado de Casal-Vasco, 11.º do dos Mellos da Louzan, 6.º do da Insua e senhor tambem do de Espinhel, dado por D. Manuel em 21 de agosto de 1500 a D. fr. Paio Correia, do conselho de Sua Magestade e senhor da villa de Leives e instituido por seu neto Diogo Pereira, em 16 de novembro de 1561.

O Sr. Manuel d'Albuquerque nasceu em 10 de junho de 1853, sendo S. Ex.ª um dos ultimos representantes dos Albuquerque, Mellos e Caceres, cuja genealogia é das mais remotas que se conhece em Portugal.

EXOTICOS

Notas psychicas por Carrasco Guerra e Eloy do Amaral.—Um dos primeiros livros editorados pela casa Tavares Cardoso, superiormente dirigida pelo nosso bom e intelligente amigo Gomes de Carvalho, em principios d'este anno, foi o dos nossos illustres confrades Carrasco Guerra e Eloy

do Amaral, em quem já tivemos occasião de falar quando da publicação do *Mau-caminho*.

Exoticos—que abrem com os *portraits-charge* dos auctores, devidos ao primoroso caricaturista Francisco Valença—são um livro escripto n'um estylo simples e despretençioso, de molde a agradar ao grande publico, amador de prosa chan.

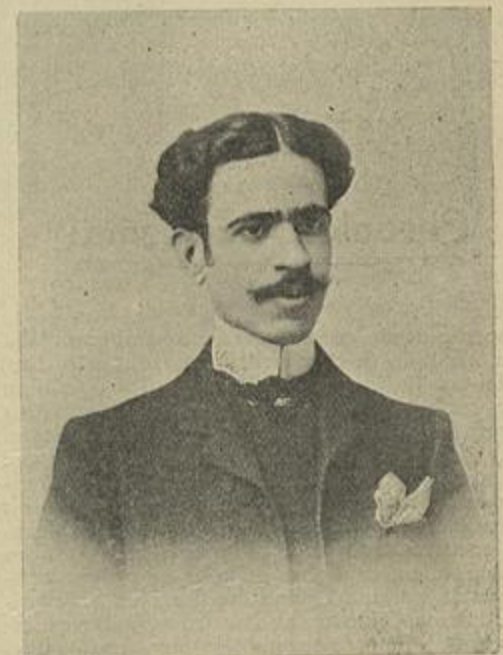
É uma serie de notas psychicas que, como dizem seus distinctissimos auctores, foram *arranjadas imaginativamente sobre um fundo de verdade, porque em cada uma d'ellas, se encontra uma vida de que tivemos noticia em nossa vida. Agitaram-se, lutaram, foram alguém os miseros titeres e os typos mais ou menos mórbidos e exquisitos cujas historias—dolorosas quasi sempre, cheias de lagrimas—enchem estas paginas.*

E de facto essas *historias* estão eivadas de tristeza e verdade, porque nós vemos d'esses personagens quasi surgirem, como por encanto, de qualquer banda para que nos voltemos.



CARRASCO GUERRA

Carrasco Guerra e Eloy do Amaral podem orgulhar-se—com justa razão—de que escreveram um livro que fica.



ELOY DO AMARAL

Quem teve o agradável ensejo de lêr o episodio doloroso—*Mau caminho*—presumiu logo que os seus dous auctores tinham talento de molde a produzirem obra de maior folego e—em abono da verdade, o dizemos—conseguiram-no com os seus *Exoticos*, de que damos n'este numero do OCCIDENTE um conto *Psyché* para o amavel leitor avaliar do merito da obra; por nossa parte nada mais podemos dizer do valor da obra, pois não queremos que, quem nos leia, nos acoime de

lisonheiros, pois nos honramos e muito com a amizade dos dois auctores.

Publicamos igualmente os retratos dos auctores, agradecendo-lhes penhorados a valiosa offerta com que nos distinguiram.

Henrique Marques Junior.

XIV—II—CIVIV.

PSYCHE'

Celui qui aime avec transport
ne vit plus pour ainsi dire en soi,
il vit dans l'objet de son amour,
et plus il se détache de lui-même
pour s'identifier avec cet objet,
plus son bonheur est parfait.

ÉRASMO.

O pintor Vital recostado n'uma poltrona antiga, a um canto do atelier—um luxuoso atelier de paredes forradas a papel verde-azeitona, onde se destacavam artisticamente as ceramicas e os cobbres cinzelados—fixava a superficie amarelleta de uma grande tela erguida sobre o cavallette.

Aquelle bocado de panno ainda sem um traço, sem uma sombra sequer, havia de ser exposto ao concurso de figura ao lado dos quadros dos melhores artistas que, de certeza se esforçariam, n'uma ancia de gloria e de dinheiro, por alcançarem o maior premio.

Os jornaes, nas suas secções d'arte, haviam indicado até os nomes de alguns concorrentes, e, adeantado mesmo, n'uma *reportage* impertinente, que muitos d'elles se encontravam executando já as suas concepções.

E Vital, que não encontrára ainda assumpto, buscava-o n'esse momento, olhando, atravez as nuvensitas azuladas de fumo do havano caro, os esquisos das obras anteriores, esses empastes de tintas diferentes, habilmente dispostas, d'onde haviam sahido as obras soberbas que figuravam nos salões dos museus e decoravam as galerias de colleccionadores privilegiados, grangeando-lhe honra e fortuna.

Porém, nada d'aquillo lhe dava uma ideia aproveitavel. Lembrou-se então dos modelos vivos, mas quê?! desejava trabalhar isolado, longe das vistas de quem quer que fosse, quando melhor lhe appetecesse.

Tambem para que estar a enfasiar-se?! A ideia viria, e demais tinha ainda muito tempo diante de si. E, lançando fóra o resto do charuto principiou a rasgar as cintas dos jornaes d'esse dia.

A porta envidraçada do atelier abriu-se, e Helena appareceu de cabellos soltos a espreguiçarem-se sobre um penteador côr de rosa.

Era a visita costumada.

Fôra n'esse atelier, n'esse mesmo lugar, que elles haviam passado os melhores momentos dos seus primeiros annos de casados; esta visita tornara-se n'um habito, e era ainda para ali que elles iam de mãos dadas, como dois enamorados de mezes, communicarem os seus pensamentos, combinarem as digressões a fazer pelo campo em busca de paysagens risonhas!

Almas de artistas sabiam comprehender, como ninguém, o amor.

—Estás linda, minha Lena!

—Ainda gostas muito de mim?

—Muito!...

—Pois, n'esse caso, vaes dizer-me immediatamente em que pensavas ha pouco, vá, dize já, já...

—Eu?... pensava em ti.

—Ah! que mentes! e bem sabes que sei lêr nos teus mais pequeninos gestos o que te vae no intimo. Sê franco, estavas triste!

—Não, senta-te e escuta-me... Sabes que o concurso é d'aqui a alguns mezes e, como vês, nada tenho feito ainda, nem mesmo esboçado o que hei de pintar. Procurava assumpto, ahí está.

—Ora, para ti, isso é facil...

—Não é tanto assim, Lena, tenho primeiramente de fazer um estudo e de procurar modelo...

A mulher entristeceu subitamente e elle notou-o.

—Que é isso, Lena?

—Não é nada, comprehendo agora a tua preocupação, necessitas de um modelo... de introduzir aqui uma mulher, e receias que eu fique amuada, como tu dizes... com ciume? Mas se assim é preciso...

—Tontita! Enganas-te, não quero ninguém. Quero trabalhar isoladamente, servindo-me apenas da minha inspiração.

Da sua inspiração! E d'onde vinha ella senão d'essa mulher que adorava com loucura?;

E olhando-a fixamente, seguindo uma a uma as linhas irreprehensíveis do seu perfil de madona, onde havia talvez em mistura um traço forte de paganismo embriagador, analysando ainda uma vez o rosto ideal, espelho purissimo da alma generosa que um dia o seduzira. Vital sentiu que em seu cerebro começava brotando uma ideia extravagante e ao mesmo tempo redemptora para a afflicção que o seu espirito vinha soffrendo: --tomal-a para modelo da *Psyché* que necessitava executar.

Era bella, d'uma belleza fascinante que elle sentia... que elle sabia interpretar como, porventura, nos seus anteriores quadros de maior renome não soubera interpretar as paginas da natureza.

E parecia-lhe já que, tomando-a para modelo, o seu nome ficaria immortalmente vinculado a mais esplendida obra.

Concretisaria e materialisaria na tela o amor incommensuravel com que toda a sua alma vibrava por toda aquella linda creaturinha...

O sonho era entontecedor... a realidade conseguida seria maravilhosa.

Era uma vertigem que o assoberbava. Não se conteve:

—Lena! És sufficientemente corajosa para fazeres um grande sacrificio por mim?

—Sou, porque m'o perguntas.

—Promettes? seja elle qual fôr?

—Prometto.

—Escuta. Os outros vão pintar certamente grupos de figuras grandiosas, eu lembrei-me de encher esse pedaço de tela apenas com uma imagem de mulher... talvez apenas um busto.

—Ficaria demasiadamente pobre o teu quadro e eu quero, comprehende bem, quero que obtenhas o melhor premio...

—Não, pintarei unicamente uma *Psyché*, e, se alcançasse o modelo desejado tinha a certeza de que faria uma grande obra... Entendes?!... unica!...

—E esse modelo quem é? — perguntou a medo, muito timidamente, a mulher.

—Tu...

O rosto bello de Helena animou-se. Sentiu-se feliz e envaidecida! Ia responder qualquer coisa, mas n'esse instante fitando os seus lindos olhos, nos olhos do marido que refulgiam extranhamente, como que teve a intuição da verdade... comprehendeu o grande sonho do ente idolatrado e respondeu simplesmente:

—Pois serei eu o modelo da tua *Psyché*.

E, como o marido sorrisse n'uma expressão de supremo triumpho, começou a desnudar o collo.

—E hade ser immediatamente a primeira sessão, sim? E quanto me dás? porque este serviço deve ser bem pago! Não é verdade?

Fallava com volubildade procurando aturdir-se.

—De certo! Mas não tens frio Lena? queres que acenda o fogão?...

Subitamente estacou... havia-se despojado quasi do penteador, o seu pudor de mulher honesta revoltava-se, esqueceu mesmo que estava diante do marido e só viu os olhos brilhantes do artista a espreitarem.

Sentiu-se desfallecer e cahiu sobre uma cadeira, cobrindo-se com os braços nus.

O marido comprehendeu a revolta intima da mulher, esperava-a, porém, fingindo não a perceber, levantou-se.

—Vês? estou arrependido de ter feito semelhante pedido, estás com frio — e dirigiu-se ao fogão.

Ella aproveitou esse momento para recuperar animo e subiu para o pequeno estrado de pelucia escarlata, erguido junto do cavallette e continuou desatando as fitas azues...

Ao voltar-se Vital encarou-a demoradamente. Essa observação minuciosa fez estremecer-a de novo, obrigando-a a cerrar os olhos.

O seu cerebro foi então assaltado por um pensamento doloroso, por uma duvida pungentissima! julgou que o marido a estava comparando com os modelos anteriores, considerando-a talvez detestavel de fôrmas, muito inferior em plastica!

E, desgostosa, descerrou as palpebras, na intenção de saltar do estrado e fugir, mas, notando-o já a desenharmuito inclinado sobre a tela, conteve-se.

Que lhe importava o proprio soffrimento se elle realisaria o maior sonho?!...

D'esse dia em diante as sessões continuaram regularmente, mas breves para a não fatigarem. Vital não abandonava a sua obra, vivia só para ella, trabalhando incessantemente.

Fraco, muito fraco até, adynamisou-o esse trabalho tão aturado a tal ponto que adoeceu quando faltavam apenas os ultimos retoques.

O trabalho suspendeu-se com magoa de ambos e aos dias de alegria succederam-se os de uma profunda tristeza e inquietação, elle ia a peor, sempre a peor, a febre, uma febre impiedosa consumia-lhe a existencia, tinha frequentemente hallucinações terribes, para, pouco depois, passada a crise nervosa, cahir n'uma profunda atonia.

Chegara a vespera do concurso, e n'essa manhã o infeliz pediu que lhe levassem o cavallette para junto do leito, queria dar as derradeiras pinceladas, concluir o quadro genial.

Era uma imprudencia, mas não havia meio de lhe evitar uma nova crise senão obedecendo-lhe, assim fizeram, e elle, de joelhos, esteve trabalhando quasi todo o dia.

A grande luminosidade que irradiava da tela parecia animar-lhe os ultimos momentos de vida, e tanto que, ao declinar do dia, quando a sombra lhe entrava já pelo quarto, elle caiu exanime sobre os almofadões.

Quando a mulher chegou encontrou-o arquejante, os olhos amortecidos, presos na pintura...

—Lena, está prompto... não te esqueças de o enviar amanhã. Sinto-me morrer... mas feliz... tenho quasi a certeza... de que o primeiro premio será... nosso... e tu Lena has-de ir dizer-me ao cemiterio o resultado... sim? — balbuciu entrecortadamente, enquanto duas lagrimas lhe rolavam pela face macilenta.

E depois, debilmente, quasi n'um murmurio, continuou:

—E nunca mais verci o modelo... o meu lindo modelo!

A mulher, em lagrimas tambem, cahiu de joelhos.

Os olhos do muribundo illuminaram-se-lhe n'um clarão fugitivo, os labios estremeceram levemente a esboçar como que um beijo, quiz levantar-se, mas ao erguer-se um pouco, tombou desamparadamente sobre o leito.

Um mez mais tarde, no dia em que reunira o jury para apreciar os quadros expostos, uma mulher vestida de negro, o rosto occulto por um veu espesso, atravessou as salas da exposição, pondo uma nota iriste nas *toilettes* claras e garridas das aristocraticas e das mundanas do tom.

Dirigiu-se para um quadro de moldura envôlta em crepes — a *Psyché* de Vital — e, rompendo atravez o ajuntamento dos criticos que elogiavam essa obra admiravel, lamentando o artista morto, leu n'uma placa de metal pregada na parte inferior da moldura, a grandes letras doiradas, o distico seguinte: *Primeiro premio — medalha d'ouro.*

Atavessou de novo e apressadamente as salas pungida pela mais acerba saudade.

Era Helena que tinha pressa de levar ao marido a noticia de seu triumpho, cumprir a sua ultima vontade...

No cemiterio.

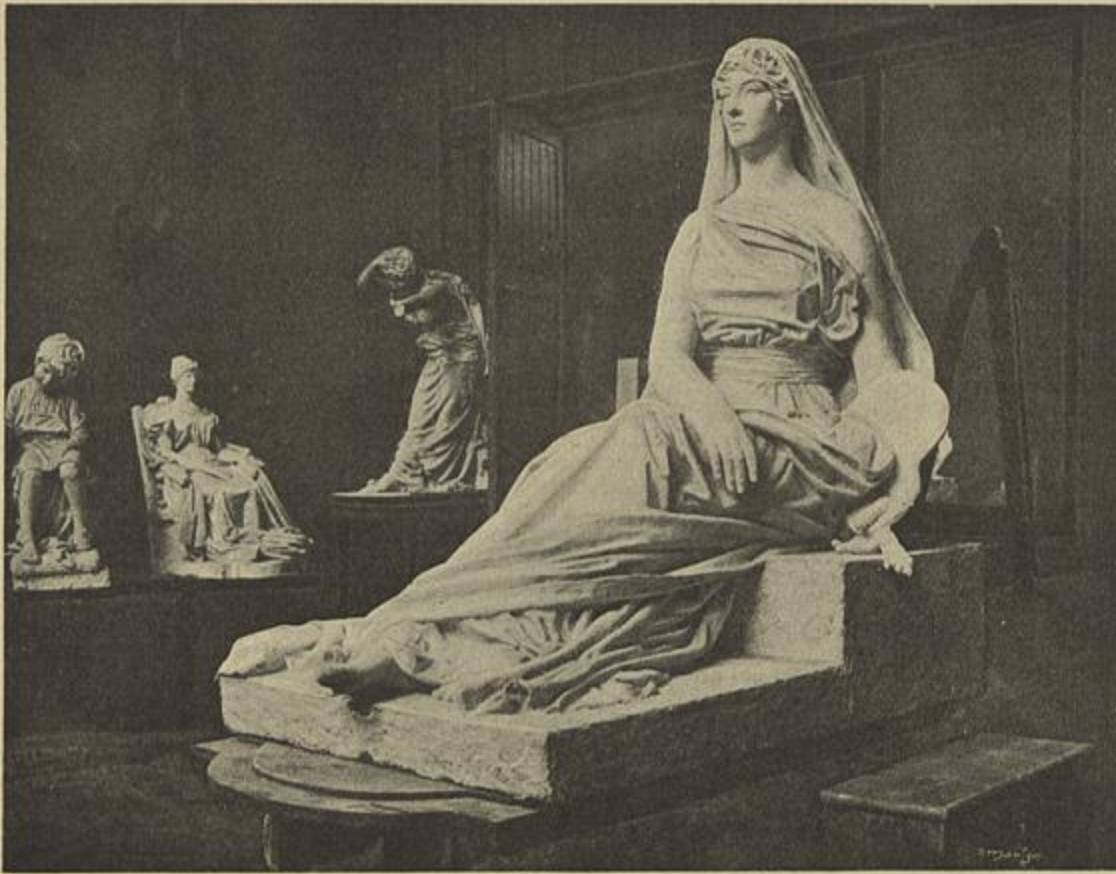
Helena ajoelhada junto de um tumulo simples, ensombrado por chorão formoso, soluçava convulsivamente enquanto pelos labios lhe perpassavam algumas palavras d'uma oração que não era capaz de terminar.

Tocou a *Angelus* no pequeno campanario da capella e o coveiro veiu até ella e inclinou-se a lembrar-lhe, n'um sorrisozinho ironico, que os mortos... os mortos tambem precisavam dormir!

A' noite, n'esse mesmo atelier, onde havia passado horas de tanta ventura, e onde elle se esgotára a pouco e pouco na ancia de produzir uma obra genial, pensando ainda, como sempre, na crudelissima tragedia que atirára para a fria cova o homem que tanto adorára, machinalmente Lena começou a folhear um volume encadernado a marroquim: *Eloge de la Folie.*

Era o livro celebre de Erasmo.

N'uma pagina dobrada atrahiram-lhe a attenção meia dusia de linhas que Vital sublinhára ou tr'ora a lapis encarnado.



A PINTURA, ESTATUA POR MÓREIRA RATO, DESTINADA AO MAUSOLEU DO VISCONDE DE VALMOR

Palacio e Quinta da Insua

Eram no primeiro andar e das nossas janélas avistávamos o portão de ferro da entrada, e a ála habitada da mansão de Stoke Moran.

Ao cair da noite vimos passar, de carruagem, o doutor Grimesby Roylott; mercê da avantajada corpulencia assoberbava de todo o vulto do *groom* de franzinas dimensões que guiava o trem. O garoto teve uma tal ou qual dificuldade em abrir a ponderosa grade; circumstancia que muito impacientou o doutor, manifestando-o este a poder de berraria que chegou aos nossos ouvidos e á qual coincidiam gestos de ameaça.

Minutos depois de haver dado entrada no parque a carruagem, avistámos uma luz por entre as arvores, denunciando-nos que o proprietario do vetusto casarão se achava instalado em uma das salas.

Em torno de nós cerravam-se de mais em mais as trevas.

— Sabes o que te digo, Watson, prorompeu abruptamente Holmes, sinto escrupulo em te levar commigo esta noite. Não é isenta de perigos a nossa empreza.

— Poder-te-ei ser prestavel, porventura ?



FONTE DO PATEO

Leu-as :

«Celui qui aime avec transport ne vit plus pour ainsi dire en soi, il vit dans l'objecte de son amour, et plus il se detache de lui-même pour s'identifier avec cet object, plus son bonheur est parfait.»

E só então o modelo de *Psyché* adivinhou, comprehendeu, o estranho segredo da morte e da suprema felicidade do grande pintor...

Carrasco Guera e Eloy do Amaral.

A FAIXA SARAPINTADA

POR

Conan Doyle

(Continuado do n.º 941)

Encontrámos facilmente, tanto eu como Sherlock Holmes, dois quartos na estalagem da Corôa.



FONTE DO TERRAÇO

— Mais que prestavel, até.

— Visto isso, vou contigo.

— E ficar-te-ei muito grato.

— Referes-te, porém, a perigos ?

Manifestamente, auferiste da nossa visita mais esclarecimentos do que eu.

— Isso não, mas imagino que raciocinei muito mais, tudo que vi, viste-lo tambem.

— Nada vi digno de nota a não ser aquelle cordão da campainha, e não attingo a destrinçar-lhe a serventia.

— Não reparaste no respiradoiro ?

— Reparei, uma comunicação d'aquelle genero estabelecida entre dois quartos não me parece caso extraordinario; e d'ahi, é tão exigua que com dificuldade facultaria passagem a um rato.

— Eu, antes até de entrar no predio, futurei que toparia com o respiradoiro.

— Essa agora !

— E' como te digo. Deves de estar lembrado de nos ter contado miss Stoner que a irmã sen-



CASA DO GUARDA DA MATTA

Palacio e Quinta da Insua



CASA DO GUARDA DA MATTA

tia o cheiro do charuto do doutor Roylott. Essa circumstancia suscitava obviamente a ideia de uma comunicação qualquer entre os dois quartos, comunicação aliás que só podia ser minúscula, visto não se achar mencionada no inquerito do *Coroner*. Conclui pois d'ahi que devia existir um respiradoiro.

— E que inconveniente lhe encontras?

— Eu te digo, ha n'isso, quando menos, uma coincidência de factos assás curiosa. Estabelece-se um respiradoiro, pendura-se uma corda, e uma mulher dormindo naquella cama morre de morte singularissima: não te impressiona uma tal circumstancia?

— Não vejo a minima relação entre tudo isso.

— Notaste qualquer coisa muito especial com respeito aquella cama?

— Não.

— Está pregada ao soálho. Achas que seja corrente o fixar assim um leito.

— Não me parece.

— E a rapariga, por esse motivo, não podia arredar o leito. Tinha que o deixar sempre ao alcance do respiradoiro e da corda, que assim lhe



PORTA DE SANGEMIL



UMA DAS ENTRADAS DA QUINTA

A' sahida, permutou meia duzia de palavras com o estalajadeiro a persuadi-lo de que iam visitar um amigo e de que talvez ali passassem a noite. Dali a instantes tomavamos á estrada, zurzido o rosto por um ventinho glacial, e encaminhavamos para a luz, nosso guia em tão sinistra expedição.

Eutrámos no parque sem grande custo, visto apresentarem numerosas frestas os muros. Haviamos alcançado o terreiro e transposto a parte relvada; dispunhamo-nos a escalar a janella eis senão quando, nos sae, aos pulos, de uma moita de loureiros, uma especie de anão hediondo e desforme, rojando-se pela relva, contorcendo os membros, e deitando depois a fugir, se some na escuridão.

— Santo Deus! murmurei; não viste?

Holmes a principio ficou quasi tão surprehendido como eu e, nervoso, apertou-me a mão.

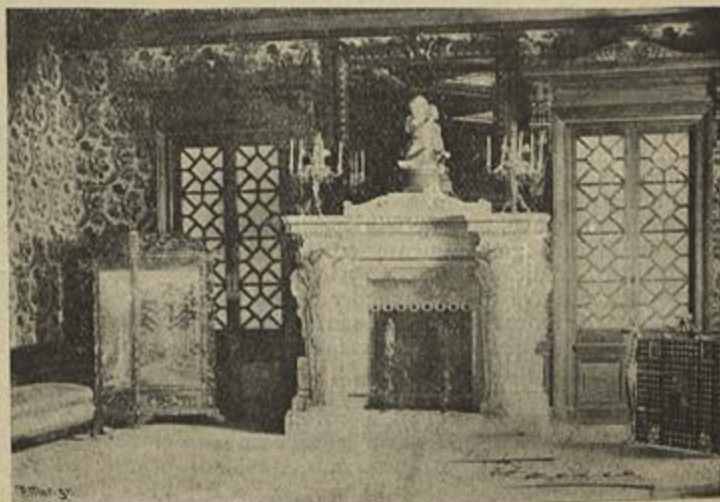
Depois, pegou o rir, muito á caláda, todavia, e segredou-me ao ouvido:

— Linda casa, sim senhor: é o bugio!

Haviam-se-me varrido da memoria os valldos do doutor. Havia tambem uma panthera, quem



SALA DE JANTAR



SALA ESTYLO LUIZ XIV

nos dizia que de um momento para outro a não iríamos sentir encabritada no cachaço? Confesso que me senti mais socegado, assim que, seguindo as piugadas a Holmes, descalcei os sapatos e me encontrei dentro do quarto. O meu companheiro fechou os postigos sem fazer bulha, poz o candeeiro em cima da mēsa e lançou os olhos em redor. Estava tudo conforme o havíamos visto de dia. Então, acercando-se de mim, pé-ante-pé, e pondo a mão á laia de porta-voz, segredou-me ao ouvido, tão baixinho que mal podia distinguir-lhe as palavras:

— O mais leve ruido seria fatal ao nosso plano.
— Manifestei-lhe por acēnos have-lo intendido.

— Não convém conservar a luz acēsa. Vê-la-ia pelo respiradoiro.

— Respondi por mimica.
— Não adormeças. Poder-te-ia custar a vida. Conserva á mão o teu revolver, para o que der e vier; vou sentar-me no leito; e tu, accomoça-te naquella cadeira, depuz o revolver na esquina da mēsa.

Holmes trouxera consigo uma chibáta, delgada e comprida, e collocou-a no leito, junto de si. Pôs, ao lado, uma caixa de fósforos e um couto de estearina; após do que, apagou a luz, e eis nos immersos na escuridão.

Nunca em dias de minha vida esquecerei tão afflictiva vigília. Não ouvia um som, nem o ruido sequer da respiração, e sem embargo, sabia achar-se ali, muito perto, o meu companheiro, sentado, de olho á alerta, no mesmo estado de tensão nervosa que eu. Os postigos não deixavam passar o mais tenue raio de luz e achavamo-nos immersos na mais densa escuridão.

Lá de fóra, de onde em onde, vinha-nos o piar de uma ave-nocturna, e uma vez, mesmo ao pé da janéla, um miar prolongado, participou-nos o andar á solta a panthera.

Ouviamos, lá ao longe, as notas graves do reajo da paróquia, dando os quartos a intervallos que nos pareciam infinitos.

Souu meia noite, depois, uma hora, as duas, as três, e nós sempre assentados e em silencio, na expectativa de qualquer acontecimento.

De subito, na direcção do respiradoiro, appareceu uma luz, sumindo-se, acto-continuo, succedendo-se um cheiro activo de azeite e de metal aquecido. Era manifesto o haverem acendido no quarto contiguo uma lanterna de furta-fogo. Ouvi um leve ruido, depois, voltou a cahir tudo em silencio, comquanto se tornasse muito mais activo o cheiro. Pelo espaço de meia hora, permaneci ainda immovel, de ouvido á escuta. De subito, tornou-se perceptivel outro som, muito tenue e muito manso, tal qual o ruido de um jacto de vapór a sahir de uma chaleira. No acto em que se produziu, Holmes saltou da cama abaixo, acendeu um fósforo e poz-se a fustigar á força de pulso com a chibata, o cordão da campainha.

— Não a vês, Watson, não a vês?

— Eu não via absolutamente nada. No momento em que Holmes acendêra o fósforo, ouvira eu um assobio, abafado, posto que distincto, o clarão da luz impedia porém, os meus olhos, fatigados, de ver o que era que o meu amigo zurgia com tamanha furia. Distinguia apenas o seu rosto tincto de subita e mortal pallidez, e no qual se estampavam o horror e o asco.

(Continua)

M. Macedo.

O PHONOLA

Na vasta e elegante sala *Portugal*, da Sociedade de Geographia, realisou-se no dia 19 d'este mez uma attrahente sessão musical, offerta pelos srs. Neuparth & Carneiro, proprietarios do acreditado armazem de pianos da rua Nova do Almada, aos socios e respectivas familias, para exhibição do celebre aparelho *phonola*, applicado a um piano de cauda.

Accedendo ao amavel convite feito a esta redacção, e que muito gostosamente agradecemos, fomos assistir á audiçãõ do famoso *phonola*.

A sala apresentava grande concorrença e todos ansiosos de apreciar o interessante aparelho, cuja audiçãõ deixou agradavelmente impressionados os assistentes. Na verdade, o *phonola* representa uma notavel maravilha, visto que permite ao mais profano na requintada arte de Bellini, o executar os mais difficeis trechos, com o mesmo relevo e sentimento que o musico mais habil seria capaz de imprimir-lhes.

Consegue-se isto, graças a um bem estabelecido conjuncto de registos e de movimentos, que

são facilmente postos em acção pelo executante.

A vulgarisação d'este aparelho deve certamente ser muito rapida, visto que dispensa o estudo longo e fastidioso do piano que é para muitos de grande difficuldade.

O *phonola* é a ultima palavra dos aparelhos *autopianistas*.



COLLOCAÇÃO DO PHONOLA EM FRENTE DO PIANO

Applicado a qualquer piano, executa com summa perfeição as musicas mais difficeis, que só aos consumados pianistas é permittido tocar.

O *phonola* é um aparelho com a forma semelhante a um harmonium, tendo, como este, um folle principal que se põe em movimento por meio de pedaes. A força que a estes se imprime faz mover uns martelinhos, em numero de 72, e, como se fossem os dedos do pianista correspondem a outras tantas teclas do piano.

Para obter os effeitos de *pianissimo*, *forte*, *ritardando*, *diminuendo* etc., dispõe o *phonola* dos respectivos registos que facilmente se manejam.



O PHONOLA APPLICADO AO PIANO E FUNCIONANDO

As musicas que se applicam ao *phonola* são rolos de papel em que as notas estão representadas por perfurações mais ou menos alongadas.

Facilmente se aprende a manejar este aparelho; e se a pessoa que o manejar tiver gosto musical, pôde imprimir-lhe o proprio sentimento, porque os registos do *phonola* permittem dar todo o collorido e expressão á musica.

Os srs. Neuparth & Carneiro são os unicos representantes em Portugal da casa que fornece o

phonola, e as musicas que lhe são applicadas regulam por cerca de 4:000 peças, entre as quaes figuram as obras primas que se tem escripto para piano.

M. O.

NECROLOGIA

SIR MARTIN GOSSELIN

No grande Hotel da Matta do Bussaco deu-se no dia 26 um triste acontecimento, que a todos suprehendeu dolorosamente; o fallecimento de sir Martin Le Marchant Hadsley Gosselin, ministro de sua magestade britannica, e um dos mais distinctos ornamentos do corpo diplomatico n'esta cõrte.

Tinha pouco mais de cincoenta e sete annos e victimou-o uma hemorrhogia intestinal.

A sua carreira diplomatica, que encetou em 1868 como addido junto á legação britannica em Lisboa, foi das mais brilhantes, merecendo de todos os portuguezes com quem mais estreitamente convivia a estima sincera affectiva, não só porque o seu trato affavel e gentil captivava quem com elle privasse, como porque em diferentes occasiões havia demonstrado o seu particular interesse por tudo quanto se referia ao nosso desenvolvimento colonial, cuja historia elle conhecia de muito perto. Foi durante a sua missão diplomatica em Portugal que se realisou a renovação da alliança anglo-lusa, o que é sobremaneira um facto preponderante das nossas relações com a Inglaterra.

De addido á legação em Lisboa em 1868, passou para Berlim em 1872, onde foi nomeado addido á embaixada especial durante o Congresso de Berlim em junho de 1878.

Em 1879 foi transferido para Roma e d'ali passou a S. Petersburgo em 1880, sendo promovido a secretario da legação do Rio de Janeiro em 1885, logar que não chegou a occupar, indo para Bruxellas, onde foi nomeado secretario da missão especial do duque de Norfolk ao Vaticano em 1887.

Desempenhou o logar de primeiro delegado britannico na Conferencia Internacional de Bruxellas sobre tarifas aduaneiras em 1888 e 1890, e o de secretario da conferencia sobre o trafico da escravatura em Bruxellas em 1889.

Em 1890 foi nomeado delegado para discutir e fixar os direitos sobre importações na região do Congo.

Em 1892 serviu de secretario na embaixada de Madrid sendo transferido para Berlim em 1893 e para Paris em 1896, e ahi nomeado ministro plenipotenciario para discutir com os commissarios francezes a questãõ da emigração de *coolies* para a ilha da Reunião em 1897, e commissario britannico na commissãõ anglo-franceza em Paris para fixar a delimitação das espheras de influencia no rio Niger, de 1897 a 1898.

Desempenhou a cargo de sub-secretario no ministerio dos negocios estrangeiros tambem em 1898, até que em 1902 foi nomeado ministro em Lisboa, logar que occupava actualmente.

Todas as missões diplomaticas com Portugal em que Sir Gosselin teve interferencia foram resolvidas com extrema habilidade, procurando com o seu fino tacto e affabilidade, dar-lhe uma orientação em que não houvesse para comnosco o minimo melindre, nem sombra de hostilidade.

O corpo diplomatico perdeu uma das suas figuras mais prestigiosas e insinuantes e que tanto se evidenciava no meio elegante da nossa capital.

Sir Martin Gosselin ha muito que soffria do mal que o victimou, porém esse soffrimento não era de character a inspirar cuidados nem a sua esposa nem aos seus amigos.

No dia 16 havia partido para Lagos para assistir ás evoluções das esquadras inglezas do Canal e do Atlantico, tomara logar a bordo do navio chefe da primeira esquadra, e n'elle seguira para Vigo onde desembarcou.

Da capital da provincia de Pontevedra seguiu Sir Gosselin para o Porto, onde chegara na terça feira passada, acompanhado do seu criado particular.

No dia seguinte partiu para o Bussaco indo hospedar-se no Grande Hotel.

Sentindo-se incommodado, pouco depois da sua chegada, telegraphou a lady Gosselin que immediatamente para ali se dirigiu a reunir-se a seu esposo, embora elle a socegasse no mesmo telegrapha dizendo que a sua indisposição não era de gravidade.

Infelizmente o mal em vez de decrescer aggra-

vou-se, e todos os esforços da sciencia foram impotentes para poder evitar o desenlace fatal que estava imminente.

O illustre extinto era condecorado com a ordem do Banho e com as comendas de S. Miguel e de S. Jorge. Tinha tambem a medalha da coroação que lhe fora dada em 1902, a commenda e gran-cruz da ordem da Victoria e a gran-cruz da ordem de Christo.

Por occasião da visita a Portugal de El-rei de Inglaterra, Eduardo VII no numero 873, de 30 de Março de 1903, já o OCCIDENTE tinha, n'uma breve referencia ao distincto ministro inglez, dado algumas notas biographicas a sen respeito bem longe, de pensar que tão cedo as viriamos completar, a proposito de um bem doloroso acontecimento.

Reconhecido como um amigo de Portugal Sir Gosselin não podemos deixar de sentir profundamente a sua perda, testemunhando o nosso pezar a lady Gosselin e miss Clayre, Mary e Consell, esposa e filhas agora inconsolaveis por uma perda tão irremediavel quanto inesperada e cruel.

RODRIGO LOPES D'OLIVEIRA

Após alguns mezes de doloroso soffrimento, falleceu em Lisboa, no dia 12 do corrente, o nosso bom amigo Rodrigo Lopes d'Oliveira, victimado por uma congestão pulmonar. Posto que se lhe tivessem manifestado as diabetes, aggravadas por uma antiga enterite, ninguém suppunha tão rapido desenlace, que veiu encher de luto o coração dos seus muitos amigos e da sua extremosa familia, a quem o aspecto aparentemente robusto de Rodrigo Lopes d'Oliveira fazia nutrir esperanças de mais longa vida.

Era natural da aprazivel Alcobaca, onde nasceu a 19 de dezembro de 1847 e d'onde partiu, ainda muito novo, para Pernambuco, a juntar-se a seus irmãos, que ali se dedicavam ao commercio.

Graças ao seu zelo, grande actividade e tino administrativo, Rodrigo d'Oliveira conseguiu acumular um bom peculio com que, volvidos cerca de vinte annos, se acolheu á sua querida patria, procurando a miude a sua terra natal para ahi evidenciar a bondade do seu coração, solícito em acudir ás necessidades mais urgentes dos seus conterraneos.

Era um character impolluto, amigo, dedicado, pae amantissimo e esposo exemplar. Alma repleta dos mais levantados sentimentos, estava sempre prompto a auxiliar aquelles que a elle recorriam, confiados na sua proverbial bondade e acrisolado patriotismo, como o testemunham os jornaes da sua terra natal — *A Semana Alcobacense e Noticias d'Alcobaca*.

Sempre que se lhe offercia ensejo, pugnava apaixonadamente pelas prosperidades da terra que lhe foi berço, sendo elle o primeiro a estimular os mais urgentes melhoramentos.

A Caridade e a Philantropia tiveram n'elle o mais afervorado e sincero servidor. Assim o testemunham os valiosos donativos por elle feitos ao Monte-Pio, ao Asylo da Infancia Desvalida e á Misericordia de Alcobaca. A Camara municipal deve-lhe duas das principaes ruas, com que elle dotou a formosa villa.

Era um grande apostolo da instrucção, que procurou fomentar entre a nossa numerosa colonia de Pernambuco, fundando em 1874 o *Gremio Instructivo Portuguez*, que assignalados serviços ali prestou.

O grande lyrico João de Deus manifestou-lhe particular affeição, de que Rodrigo muito se orgulhava.

A tão illustre quão desditosa poetisa D. Angelina Vidal, recebeu d'elle valiosos favores. Foi elle quem patrocinou e deu notavel impulso ao sarau que, em beneficio d'aquella distincta escriptora, se realisou o anno passado em Alcobaca.

Rodrigo d'Oliveira revelava uma solida illustração, adquirida em larga leitura de numerosos livros, jornaes e revistas, d'entre as quaes destacamos O OCCIDENTE, que contava o saudoso extinto no numero dos seus mais antigos assignantes e que, além d'isso, lhe devia um grande auxilio, prestado com o mais assignalado desinteresse, porquanto elle fôra um dos principaes divulgadores d'esta revista em Pernambuco, onde,

mercê da sua activa propaganda, ella adquiriu mais de 200 assignaturas. Por isso O OCCIDENTE presta hoje á memoria de Rodrigo Lopes d'Oliveira, esta singela homenagem de gratidão e de profundo reconhecimento, endereçando á sua desolada familia os mais sentidos pezames.

José A. Macedo d'Oliveira.

A natureza e seus phenomenos

PHYSICA

PARTE II

ACUSTICA

(Continuado do n.º 941)

Para reproduzir os sons da voz humana, Edisson imaginou o phonographo em 1877, hoje, muito em voga, em quasi todos os salões.

Consta este apparelho de um cylindro C, recebendo movimento, de uma manivella M. O cylindro tem em r, uma ranhura em espiral e é envolvido em uma folha de estanho. Junto ao cylindro, ha um porta-voz com um diaphragma metallico assentando sobre uma almofada de cautchonc, e tendo uma pasta metallica, ao centro, onde se appoia junto á folha de estanho, no logar da ranhura.

Fallando perto do porta-voz e fazendo girar o cylindro, o diaphragma vibra e a ponta metallica vibrando, produz na folha de estanho, uma linha com altos e baixos, representando o movimento vibratorio dos sons produzidos.

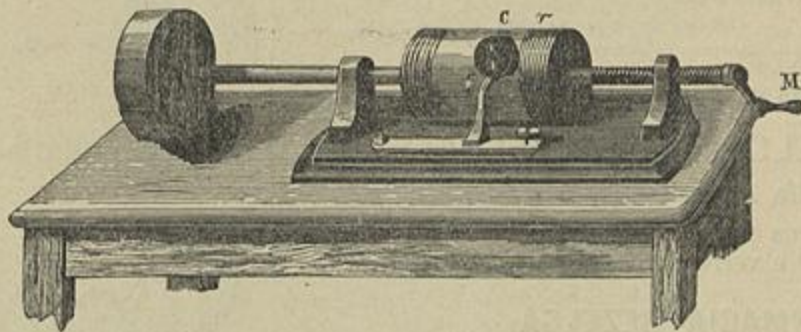


Fig. n.º 41 — PHONOGRAPHO

O mesmo porta-voz pode ser utilizado como mecanismo fallante. Para isso, leva-se o cylindro á sua posição primitiva, colloca-se o porta-voz no seu respectivo logar, e faz-se girar o cylindro. As linhas gravadas no cylindro fazem vibrar a ponta metallica, e portanto o diaphragma, que reproduzirá perfeitamente os sons gravados n'esse cylindro, sobre a folha de estanho.

(Continúa)

Antonio A. O. Machado.



Recebemos e agradecemos :

Versos por Simão Laboreiro. — Montemor-o-Novo, 1904. — E' um conjuncto de composições poeticas onde o seu auctor revela requisitos de um bom versificador.

Nos seus *Versos* palpita o sangue dos 20 annos, mas ha n'elles revelações de quem alia uma alma de poeta ao conhecimento do que a natureza tem de attrahente.

A Triste Canção do Sul, por Alberto Pimentel — *Subsidios para a historia do fado* — Lisboa, 1904.

Editado pela Livraria Central do sr. Gomes de Carvalho, recebemos, por offerta do editor, este interessantissimo trabalho do sr. Alberto Pimentel, que comprehendendo grande numero de investigações de uma origem que nada tem de contestavel e em que o erudito escriptor fundamenta o nascimento d'esta canção popular.

O *Fado*, a epopeia do povo, como escreve o editor em algumas linhas que precedem o traba-

lho do sr. Alberto Pimentel, estava por estudar; as suas variantes, as *nuances*, a historia evolutiva da nossa canção nacional estava por fazer.

Essa lacuna está, pois, agora preenchida pelo sr. Alberto Pimentel, e de que maneira? Aliando a uma paciente investigação, a erudição e o talento tantas vezes provados já n'outros trabalhos, o sr. Alberto Pimentel fez um livro distincto, curiosamente historico e em que ha todos os subsidios para se conhecerem as origens d'essa canção tão caracteristica do povo portuguez.

E' caso para felicitar-mos a litteratura nacional e o editor sr. Gomes de Carvalho, a quem se deve mais este serviço prestado ás lettras patrias.

O Laboratorio Municipal de Chimica do Porto no decenio de 1892-1904 — Porto, 1903 — 21 pag.

Encerra notas estatisticas sobre o movimento e os trabalhos realizados e publicados pelo director do laboratorio.

Por este relatorio vemos que, com uma despesa total de 5:832\$240 réis se concluíram 355 analyses, que produziram uma receita de réis 1:169\$000.

São numerosissimos os trabalhos publicados pelo pessoal do Laboratorio, e especialmente pelo seu director, que durante o anno de 1901 apresentou importantissimas obras acerca da supposta salicylagem dos vinhos portuguezes, celebrissima questão em que o auctor patenteou a sua extraordinaria capacidade scientifica, confirmada pelos mais auctorizados clinicos francezes e allemães.

O Progresso Catholico dedicado ao quinquagesimo anniversario da definição dogmatica da Immaculada Conceição.

Collaboram n'este numero muitas notabilidades da egreja, sendo illustrado com os retratos de Pio IX, Leão XIII e Pio X, D. Antonio Barroso, bispo do Porto, Mr. Macchi, nuncio em Lisboa e dr. Conego da Silva, vigario geral.

E' o n.º 24 do 26.º anno, d'esta publicação impressa na Typographia Catholica do Porto.

Exterminio de um povo. — *Romance de costumes transvaalianos* por Eduardo de Noronha. Edição da livraria da Viuva Tavares Cardoso.

Agradecendo ao auctor do romance, nosso amigo sr. Eduardo de Noronha a gentileza da sua offerta e as palavras da sua dedicatória ao nosso presado director artistico Caetano Alberto, devemos tambem dizer que temos ha muito pelo sr. Eduardo de Noronha a justa admiração e sympathia que nos merece um homem com as suas qualidades de trabalho, e que alia a uma profunda imaginação dotes superiores de coração que o distinguem.

O *Exterminio de um povo* é a historia de toda a sangrenta lucta, lucta tictanica, grandiosa, sublime de estrategicas e de rasgos de heroicidade, que constitue o periodo d'essa guerra desigual com o colosso inglez, que afinal esmagou a nação transvaaliana.

Relatando fielmente a historia dos ultimos vinte cinco annos acompanha-a o sr. Eduardo de Noronha dos pormenores mais interessantes da vida intima d'esse povo trabalhador e grande nas suas virtudes civicas, mostrando-nos o seu ideal de justiça, de liberdade e de independencia, os seus costumes exemplares, as suas crenças firmes a sua fé confiante e absoluta na Providencia.

Ninguém, é certo, como o sr. Eduardo de Noronha, nos poderia dar assim um retrato tão fiel e exacto d'essa pequena nação transvaaliana, que foi na Africa do Sul haster o seu pendão de povo livre. Como militar a quem os acasos da sua carreira tinham levado para as nossas possessões confinantes com o Transvaal, conhecia elle bem quaes as qualidades moraes d'esse povo, que se nos tornou desde o principio tão sympathico e tão nobre.

A sua profunda imaginação, a sua alma de poeta, o seu talento de artista fez o resto, e nasceu a sua obra. N'esse romance palpita a alma de um povo livre ha pouco, avassalado agora pela força dos canhões, mas de um povo que não morre e que ainda espera, embora tenha de esperar annos e mesmo seculos, que a sua hora de justiça ha de chegar como chega a todos que acreditam na Providencia, no Direito e na Razão.



SIR MARTIN GOSSELIN
MINISTRO DE INGLATERRA EM LISBOA



RODRIGO LOPES D'OLIVEIRA

Henrique Bastos — Cirurgião dos hospitaes
DOENÇAS DOS RINS E APPARELHO GENITO-URINARIO
Exame endoscopico da urethra e bexiga.

Colheita de urina de cada um dos rins
CONSULTAS } Senhoras — às 10 horas da manhã
Homens — às 3 . . . da tarde
LISBOA — Largo da Annunciada, 9 — LISBOA

TIRA-CALLOS DE BEZELGA

Rapido, sem dor nem perigo

E' o melhor producto que em todo o mundo existe para a extracção completa dos **CALLOS** e verrugas. Pelo correio 200 réis.
Pedidos á

PHARMACIA BEZELGA

Rua Andrade, 25 a 29 — LISBOA



PHOTOGRAPHIA FILLON

A mais antiga de Portugal

A. BOBONE

Pintor photographo de Suas Magestades e Altezas

Premiado em diversas exposições estrangeiras com o Grand Prix, 4 diplomas de honra
8 medalhas d'ouro e 2 de prata

Fazem-se retratos em todos os generos
Grande colleção de monumentos historicos, museus e academias do paiz
79, RUA SERPA PINTO, 87 (Chiado, junto da Igreja dos Martyres), Lisboa



**LE DICTIONNAIRE
DES SIX LANGUES**

Médaille à l'Exposition Universelle
de Paris de 1900



**Français, Allemand, Anglais, Espagnol,
Italien et Portugais**

Prix 25 francs ou 1 £

Editeur — Empresa do Occidente — Lisbonne — Portugal

FABRICA DE MOVEIS NO PORTO

DE

REIS & FONSECA

Com officinas e deposito em Lisboa

Completo sortimento de mobílias e estofos em todos os generos e estylos

PREÇOS SEM COMPETENCIA

LARGO DO CALHARIZ, 26 E 27

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900



Magnifico sortimento de fazendas
nacionais e estrangeiras



R. do Alecrim, 444, 1.º (á P. Luiz de Camões) — LISBOA



CONSULTORIO CIRURGICO DENTARIO

Gomes Costa

Cirurgião dentista especialista

Doença da bocca e cor-^{das} def. nasas,
clinica dentaria e collocação de dentes

Consultorio — Rua da Boa Vista, 164, 1.º

Almanach illustrado do «Occidente»

PARA 1905

Sahiu a publico este magnifico annuario, e encontra-se á venda em todas as livrarias. A capa é um lindo chromo, reproduzindo um typo de mulher do Minho, de um bello effeito, aguarella de José Leite.

Preço 200 réis e 220 pelo correio

Recebem-se encomendas na

Empresa do OCCIDENTE — Lisboa

GAZETA DOS LAVRADORES

Revista illustrada de propoganda e de feza dos interesses da agricultura nacional

DIRECTOR: JOSÉ ERNESTO DIAS DA SILVA

Publica-se nos dias 10, 20 e 30, de cada mez em linguagem ao alcance de todos

Assignatura por semestre, 15000 réis

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — CALÇADA DE SANTO ANDRÉ, 100 — LISBOA

Enviem-se gratuitamente exemplares como specimen, a quem os requisitar por bilhete postal.

PASTOR, GOUVEIA & C.ª

Agencia geral no Brazil do

Correio da Europa

Agentes das principaes casas editoras de Lisboa e Porto.

161, Rua dos Ourives — RIO DE JANEIRO